

ISSN: 1983-8379

O abandono da infância em detrimento do real em “Encontro ao acaso”

Rodrigo Corrêa Martins Machado¹
Gerson Luiz Roani²

RESUMO: Objetivou-se neste trabalho fazer uma leitura crítica do conto “Encontro de acaso”, publicado na obra de Luandino Vieira chamada *A cidade e a infância*. Nesta obra, bem como no conto analisado, percebe-se uma sociedade em que os homens e a própria vida árdua reprimem sonhos, ilusões, desejos, amizades, na qual muitas vezes a criança é obrigada a fazer-se homem antes da hora, a abandonar a ingenuidade, a inocência.

Palavras-Chave: Luandino Vieira, Encontro com o acaso, A cidade e a infância, repressão.

ABSTRACT: The main goal of this study is making a critic lecture of the tale “Encontro com o acaso”, published in the book by Luandino Vieira called *A cidade e a infância*. In this book, as well as in the tale analyzed it is clear a society in which men and the hard life suppress the dreams, illusions, wishes, friendships, in which many times the child is obligated to become adult before its time, is forced to abandon naivety and innocence.

Keywords: Luandino Vieira; Encontro com o acaso; A cidade e a infância, repression.

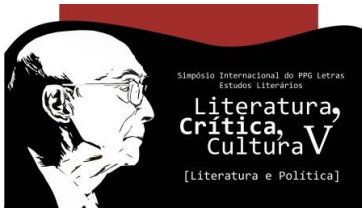
Há inegavelmente, como aponta José Pires Laranjeira (2001), uma tendência nas literaturas africanas de Língua Portuguesa de se debruçar sobre o real. Tal realismo espreita através dos indícios de guerra, da miséria, da perturbação moral e mental, da segregação, da fome, enfim, retrata dados presentes no cotidiano de grande parte da população das ex-colônias portuguesas localizadas na África.

Em Angola, a situação não difere da realidade dos demais países africanos que adotaram o português como Língua Oficial. Em meio a essa situação desoladora, a literatura age criticamente, revelando situações e vivências silenciadas até então. Dessa forma, surgiram e surgem escritores cuja escrita possui um forte engajamento social, que são preocupados com o Outro, possuem um olhar que não se desvia de quaisquer problemas, ao contrário, os revela.

Em meio aos escritores angolanos há um grande destaque para José Luandino Vieira. Este autor de variadas obras, reconhecido tanto em seu país quanto no exterior, comparado a

¹ Mestrando em Letras com ênfase em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor adjunto do Departamento de Letras e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV).



ISSN: 1983-8379

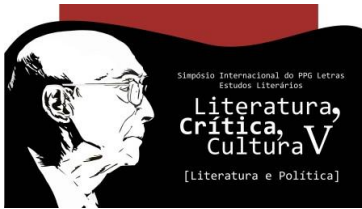
autores consagrados internacionalmente, como James Joyce e João Guimarães Rosa, empreendeu em terras angolanas uma verdadeira revolução literária em relação aos temas tratados, denunciados, como também em relação à renovação linguística. Em sua escrita, Luandino utilizou neologismos, não segue as normas da gramática da Língua Portuguesa de Portugal, aproximando da escrita a realidade e das línguas africanas. Essa aproximação se dá através da inserção de termos provenientes das línguas presentes em Angola na escrita do português.

Esse autor preocupou-se em escrever algo mais próximo da oralidade angolana, de contar histórias que remetam à tradição deste mesmo país, de denunciar problemas sociais, entre outros. Há outro elemento altamente relevante que a literatura de Luandino Vieira possibilita mais claramente, que é a participação direta do interlocutor no texto. Isto é, o princípio bakhtiniano de dialogismo se aplica a textos, como por exemplo, *A cidade e a infância*, nos quais as vozes que se entrelaçam no desenvolver da narrativa discutem entre si e com o interlocutor, de maneira a levá-lo a refletir, a se identificar e, porque não, a mergulhar no texto.

Além da interação direta entre autor-texto-interlocutor, existe também um forte diálogo entre a Literatura e a História, que possibilita, a partir do texto literário, a revisitação da história angolana, a retratação dos males da Guerra Civil, a representação da tradição histórico-cultural. Devemos considerar ainda que a escrita de Luandino Vieira contesta claramente a História dita “Oficial” ao trazer para suas narrativas “estórias” nas quais elementos socialmente vituperados, como as mulheres, os negros, os pobres, têm destaque. Ele constrói narrativas em que os marginalizados revelam suas vidas, suas histórias, seus problemas. Conforme Russel Hamilton (1999, p. 18-19):

Re-escrever e re-mitificar o passado é, de certo modo, uma estratégia estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África. Além do mais, a re-mitificação é componente do neo-tradicionismo que caracteriza aspectos importantes da condição pós-colonial.

Luandino utilizou do dialogismo para levar os demais angolanos a refletirem sobre os problemas sociais pós-independência, a pensarem na construção de uma identidade, que não nega o colonialismo, mas que se preocupa muito mais com as histórias da oralidade,



importante para a construção de uma especificidade e autonomização da literatura e da cultura. Para Russel Hamilton (1999, p. 16) “[...] verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a re-escrever e assim re-inventar a África e os seus respectivos países, tanto do período pré-colonial como colonial”.

A literatura, nesse caso, buscou unir povos cujas culturas e línguas são distintas, mas que lutaram pela liberdade. O texto de Vieira tenta, de alguma forma, unificar interesses, apontar que todos devem respeita-se e unir-se na construção de uma identidade moçambicana, com intuito de que efetivamente haja igualdade de direitos entre todos e que não prepondere nenhum tipo de segregação dentro da nação.

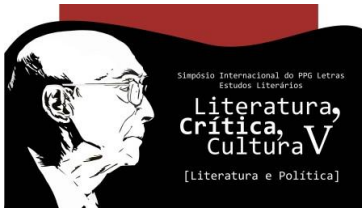
Na obra de Luandino Vieira chamada *A cidade e a infância* notamos de maneira clara o revelar da vida na cidade enquanto lugar extremamente cruel, repressor inclusive dos sonhos inerentes à infância. Essa obra contém uma reunião de narrativas que tratam da própria infância do autor, mesclando realidade, memória e ficção, com um claro quadro de luta pela libertação angolana (BEZERRA, 2008). Segundo Filipe Moraes (2007, p. 1):

Em *A Cidade e a Infância*, Luandino rompe a eloquência dos estilos literários e anuncia a urgência pelo reconhecimento identitário dos espaços de um tempo específico em Luanda, aproveitando-se do oxímoro para evidenciar a ironia e uma elegante crítica ao discurso dominante da época. Dessa forma, o estilo marginal da escrita e das vozes dos personagens de Luandino tornam-se, assim como o autor, exímios porta-vozes da realidade dos *musseques*³.

N’*A Cidade e a Infância*, livro que surgiu em um período de importante representação literária que marcou a pré-independência angolana, talvez já surjam clamores a fim de reverter o processo de colonização português (MORAES, 2007). Como essa obra foi lançada em um período colonial, a literatura surgiu às sombras, em um meio “ilegal”. As obras surgidas em meio à “ilegalidade” revelam os sentimentos, situações tudo que estava oculto até então, como a pobreza, a exploração, a miséria.

Vale ressaltar que, como aponta Moraes (2007), a presença da colonização transformou a sociedade angolana e o espaço a ela destinado, dividindo, por exemplo, a cidade de Luanda, de maneira a brancos e negros não compartilharem os mesmos espaços, o

³ *Musseques* [Do quimb. museke, 'quinta'; 'lugar de areia'.] S. m. Angol. Bairro pobre na periferia de Luanda, capital de Angola (África) (Ferreira, 1999).
“Os *musseques* são bairros humildes / de gente humilde” (Neto, 1974: 38).



ISSN: 1983-8379

que causou tensões sociais e conflitos na construção identitária, criando também um grande quadro de estratificação social. Na obra em análise, o autor demonstra um claro desejo de afirmação da identidade luandense e angolana. Uma das maneiras através das quais um povo se auto-afirma é criando uma literatura que defenda seus valores e tradições.

A partir da leitura dos contos “Encontro de acaso”, “A fronteira de asfalto”, “A cidade e a infância” e “Bebiana”, presentes em *A Cidade e a Infância*, podemos perceber uma sociedade na qual os homens e a própria vida árdua reprimem sonhos, ilusões, desejos, amizades, na qual muitas vezes a criança é obrigada a fazer-se homem antes da hora, a abandonar a ingenuidade, a inocência.

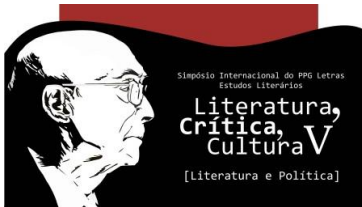
Objetivamos, neste trabalho, empreender uma leitura do conto “Encontro com o acaso”, de maneira a observamos como a cidade pode ser um espaço geográfico que reprime sonhos, ilusões e, de alguma forma, influencia na infância, fazendo com que a criança assuma responsabilidades que não condizem com sua inocência.

“Encontro de acaso” inicia-se por uma fala “- Olá, pá, não pagas nada?!” (VIEIRA, 2007, p. 49) e pela descrição de um encontro inesperado entre dois homens que foram amigos durante a infância. Pela descrição do conto, o leitor percebe rapidamente que estes dois homens, nesta nova fase de vida de cada um, são como verdadeiros estranhos. Este mesmo leitor pode se perguntar de início: O que os separa? O que fez com que duas crianças que mantinham uma amizade pura e verdadeira se afastassem?

Parece-nos que a distância entre eles é causa não de um desentendimento qualquer, mas da realidade, da vida, dos caminhos que os levaram a destinos diferentes. Enquanto crianças que possuem um sentimento puro e ingênuo, não havia nenhuma barreira real que os apartasse. Pelo contrário, a vida de sonhos e travessuras de ambos caminhava junta. De forma que, o narrador-personagem do conto descreve as aventuras que tiveram juntos na infância:

Sempre fui amigo dele. Desde pequeno que era o chefe do bando. As pernas tortas, as feições duras, impusera-se pela força. Da sua pontaria com a fisga nasceu o respeito. Nós gostávamos dele porque tinha imaginação. Inventava as aventuras na água suja que se acumulava na floresta. Foi inventor das jangadas que nos levariam à conquista do reduto dos Bandidos do Kinaxixi. (VEIRA, 2007, p. 49)

Ambos conquistaram juntos outras terras, criaram refúgios, “A Grande Floresta”, onde reinava a cumplicidade. Entre os dois não existia diferença de cor: “Ele mandou despirmos a



ISSN: 1983-8379

todos e meter na água, em direção ao clube e matar os bandidos. E os nossos corpos escuros, de brancos que brincavam todo o dia nas areias vermelhas, (...), metiam-se na água vermelha e avançavam para o Kinaxixi” (VIEIRA, 2007, p. 50).

Entretanto, a cidade, a realidade modificou aqueles que, um dia, foram amigos de infância, “Mas tudo se modificou e só a ferida feita pela memória persiste ainda” (VIEIRA, 2007, p. 50). As duas realidades que se desenrolaram para cada um deles foram muito distintas. O narrador-personagem, homem branco, teve mais oportunidades de crescimento econômico, de estudos, de viver uma vida com mais conforto. Isso é realçado pelo fato de ele próprio se descrever da seguinte maneira: “Reconhecer-me-ia ele por trás do meu disfarce de fazenda e *nylon*, de uma barba escanhoada, dos meus sapatos engraxados?” (VIEIRA, 2007, p. 51).

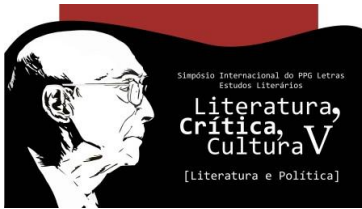
Em contraposição à auto-descrição de si feita pelo narrador-personagem, há a descrição que ele faz em relação ao homem negro que fora seu amigo:

A vida fez dele um farrapo. As companhias que a vida lhe trouxe modificaram-no. O seu espírito de aventura compatibilizou-se com a rufiagem. E quando o via nas ruas, ao sal, as pernas cada vez mais arqueadas, a voz rouca, a pronúncia de negro, dirigindo os pretos na colocação de tubos para a conduta da água, ficava a olhar para ele. (VIEIRA, 2007, p. 51).

O termo utilizado pelo narrador para referir-se ao ex-amigo é “farrapo da vida” que traduz minimamente o que ele possa ter se tornado, como um homem que vive em meio à miséria, que se tornou alguém que compatibilizou seu espírito aventureiro com o rufiar, brigar, enfim, com a violência.

O narrador-personagem sabe que foi a “cidade”, quem sabe a cor que proporcionou destinos tão díspares a pessoas que deveriam desfrutar de igualdade de direitos, deveres e oportunidades. De maneira que ele, de forma metafórica, narra a separação:

“Tractores invejosos a soldo de bandos de inimigos desconhecidos invadiram-nos a floresta e derrubaram as árvores. Fugirão os sardões e as pica-flores. As celestes e os plim-plaus. Planos maquiavélicos de engenheiros bem pagos libertaram as chuvas. E nunca mais houve ataques ao Kinaxixi.” (VIEIRA, 2007, p. 50).



ISSN: 1983-8379

Somente o fantástico, o maravilhoso, algo a que o narrador-personagem não quer ou não sabe dar nome pode ter separado uma amizade tão sólida. Sabemos que foi a realidade dura da cidade que exclui, que possui preconceitos, que não reconhece o sujeito por sua individualidade e que muitas vezes o julga de acordo com a classe social a que pertence, que os apartou.

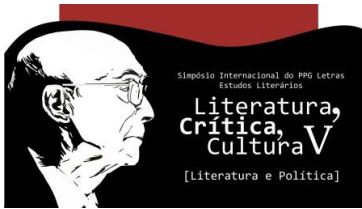
A infância e tudo que ela posa ter representado um dia foi simplesmente apagada. Agora não há mais rifas, tamarindos, melaços e muçefos, nem quicuerra, açúcar preto com jinguba, peixe frito na loja do velho Pitagrós ou a Grande Floresta.

O que resta ao narrador-personagem é somente um olhar saudosista em relação ao passado com exclamações e falas que demonstram o quanto aquela infância é lembrada com carinho e saudade: “Ah! O Kinaxixi dos bailes de domingo.” (VIEIRA, 2007, p. 49), ou ainda na passagem a seguir:

Como são dolorosas as recordações! Oh, quem me dera outra vez mergulhar o corpo na água suja e ter a alma limpa como nos tempos em que ele, eu, o Mimi, o Fernando Silva, o João Maluco, o Margaret e tantos outros, éramos os reis da Grande Floresta. (VIEIRA, 2007, p. 50).

As recordações doem, talvez pela consciência do narrador de que, na fase adulta, há um abismo intransponível entre ele e seu amigo de infância, não somente um abismo físico, mas também social. As barreiras que há entre eles não os permitirão retomar a amizade, mesmo assim, o narrador-personagem tentou aproximações e diz que recebeu em troca somente um olhar de ódio como resposta. Ódio talvez não em relação ao sujeito branco, estudado, com um bom emprego, com bom salário, mas o ódio recebido pode ser relacionado à desigualdade social, às distantes realidades sociais, às diferentes condições de estudo a que foram submetidos, e ainda, ódio inerente àqueles que sofriam durante a colonização. Esta pregava, mesmo que sublinearmente, uma espécie de segregação racial e econômica, na qual o homem negro trabalharia para enriquecer o branco que lhe explorava.

Ao fim do conto, o narrador-personagem para diante de uma taberna, percebe que há dentro deste local um baile, adentra no estabelecimento e encontra seu amigo de infância que “[...] despertava em mim todas as imagens da minha infância” (VIEIRA 2007, p. 53), ele ainda diz que foi reconhecido pelo seu antigo chefe da Grande Floresta, de maneira que



ISSN: 1983-8379

ambos falaram muito durante a noite. A infância não retornou, mas talvez por alguns instantes foi possível reviver uma amizade que representava muito mais que fraternidade, como também sonhos e companheirismo que deveria haver entre os homens.

É importante ressaltar que quando os dois amigos de infância se encontram, ao final do conto, o amigo negro pergunta ao outro “- Olá, pá, não pagas nada?!”, que faz com que percebamos que a narrativa retoma uma fala expressa em seu princípio. Isto é, a narrativa se inicia pelo final, pelo encontro que desperta lembranças. Esta fala que se repete é como as pontas de um colar que unidas, na mente do interlocutor, podem ser vislumbradas em toda sua exuberância e beleza.

Referências

- BAKHTIN, M. M. *O discurso em Dostoiévski. IN: Problemas da poética de Dostoiévski/Mikhail Bakhtin*. Trad. de Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BEZERRA, Rosilda Alves. *Narrativa de memória e identidade africana: os olhares da infância em “A Cidade e a Infância” de Luandino Vieira e “Bom dia Camaradas” de Ondjaki*. Disponível em: www.abralic.org.br/anais/cong2008/.../pdf/.../ROSILDA_BEZERRA.pdf Acesso 20.mai. 2011.
- HAMILTON, Russel G. A Literatura dos PALOP e a Teoria Pós- colonial. In: *Via Atlântica*, São Paulo, n.3, p. 13 – 22, dez. 1999.
- LARANJEIRA, José Pires. Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa. In: *Revista de Filologia Románica. Anejos*. Madrid, v. II, p.185 -205, 2001.
- MORAES, Filipe. Uma análise sobre os aspectos marcantes das identidades do tempo (a infância) e do espaço (a cidade) “presente” nas estórias da obra *A Cidade e a Infância*, de José Luandino Vieira. In: *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica do Programa de Doutoramento Pós-Colonialismos e Cidadania Global*, Lisboa, Nº 2, 2007, p. 1- 47. VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a Infância*. Luanda: Editorial Nzila, 2007.